

**O DISPOSITIVO GRUPAL DE EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E A DIMENSÃO
AFETIVA DAS RELAÇÕES NA ESCOLA**

**THE AESTHETIC EXPERIENCE GROUP DEVICE AND THE AFFECTIVE
DIMENSION OF SCHOOL RELATIONS**

**EL DISPOSITIVO GRUPO DE EXPERIENCIA ESTÉTICA Y LA DIMENSIÓN
AFECTIVA DE LAS RELACIONES EN LA ESCUELA**

Marciana Calegari*

Murilo Cavagnoli**

Resumo

Este artigo apresenta um relato de experiência de atuação da psicologia com um grupo de crianças do 4º ano do Ensino Fundamental, o qual teve como objetivo desenvolver a promoção de saúde mental. Aplicou-se o dispositivo grupal de experiência estética, que se trata de uma metodologia de intervenção, com intersecção com a cartografia, a esquizoanálise e a experiência estética. Resultou na compreensão do cotidiano escolar, de seus distintos atores e das problemáticas vivenciadas nas relações, confirmando, assim, a necessidade do trabalho do psicólogo atuar na promoção em saúde mental na escola orientado por uma perspectiva grupal. Concluiu-se, portanto, a eficácia do dispositivo grupal de experiência estética para levantar demandas de atenção para a rede de serviços nas políticas públicas.

Palavras-chave: Saúde mental. Grupos de experiência estética. Afetos. Contexto escolar.

Abstract

This article presents a report of experience in the performance of psychology with a group of children of the 4th grade in elementary school. The aim was to develop the mental health promotion. It was applied the group device of aesthetic experience, which is an intervention methodology, with intersection of cartography, schizoanalysis and aesthetic experience. It resulted in the understanding of school everyday, its different actors, and the problems experienced in relationships, thus confirming the necessity of a psychologist job to promote

* Estudante do **CURSO DIRECIONADO DE ESPECIALIZAÇÃO UNIEDU/FUMDES EM EDUCAÇÃO, PROTEÇÃO DE DIREITOS E TRABALHO EM REDE**, Bolsista UNIEDU/FUMDES, promovido pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ). *E-mail:* <marcianacalegari@hotmail.com>.

** Doutor em Psicologia (UFSC), professor na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ). *E-mail:* <murilocavagnoli@unochapeco.edu.br>.

mental health in school. It was concluded the aesthetic experience in group to raise attention demands to service network in public policies.

Keywords: Mental health. Groups of aesthetic experience. Relationships in school.

Resumen

Este artículo presenta un relato de experiencia de actuación de la psicología con un grupo de niños del 4º año de la enseñanza fundamental el cual tuvo como objetivo desarrollar la promoción en salud mental. Se aplicó el dispositivo grupal de experiencia estética, que se trata de una metodología de intervención, con intersección con la cartografía, la esquizoanálisis y la experiencia estética. En la comprensión del cotidiano escolar, de sus distintos actores, y de las problemáticas vivenciadas en las relaciones, confirmando así, la necesidad del trabajo del psicólogo actuar en la promoción en salud mental en la escuela. Se concluyó, por lo tanto, la eficacia del dispositivo grupal de experiencia estética para levantar demandas de atención para la red de servicios en las políticas públicas.

Palabras clave: Salud mental. Grupos de experiencia estética. Relaciones en la escuela.

Introdução

Este trabalho surgiu a partir de um projeto de intervenção realizado por um grupo composto por seis pós-graduandas do curso: Educação, Proteção de Direitos e Trabalho em Rede, na disciplina: A escola como espaço de proteção, ministrada pelo autor**. Durante as aulas surgiram desafios em desenvolver uma intervenção para ser aplicada no contexto escolar. Pensamos em dispositivos que pudessem utilizar as potencialidades encontradas na instituição escolar como instrumento de proteção para as crianças. No percurso de pesquisa-intervenção, a proposta inicial elaborada na disciplina sofreu modificações motivadas pela experiência empírica de trabalho da autora*, na busca por qualificar a própria intervenção, e permitindo desenvolvimento das análises que aqui se apresentam.

Desta maneira, o artigo se relaciona com a linha de investigação em pesquisa: “Ética, direitos humanos, violência: crianças, adolescentes e geracional” (SANTA CATARINA, 2017, p. 23). O objetivo é apresentar dados qualitativos sobre a promoção em saúde mental na escola, identificando fenômenos resultantes da utilização de metodologia de intervenção grupal batizada por grupos de experiência estética (CAVAGNOLI *et al.*, 2018).

A intervenção em questão realizada iniciou no mês de fevereiro de 2018, ocorrendo um dia por semana, sendo realizada uma escala de intervenções em uma rede de escolas. Essa rede de escolas se compõe com 12 instituições municipais de Ensino Fundamental, do Pré-I ao 9º ano, todas pertencentes a um município do interior de Santa Catarina. Entretanto, o artigo aborda o relato de experiência de uma turma do 4º ano de uma escola X da rede, assim identificada pelos autores. O critério de escolha foi por ser a escola em que este trabalho teve seu início, no mês de outubro de 2018. O processo de intervenção estava sendo aplicado na prática naquele momento com essa turma.

O projeto inicial teve como objetivo identificar as demandas da escola e promover saúde mental no contexto. A estimulação de experiências éticas e a constituição de um espaço de transversalidade das subjetividades, através da atividade criadora, por meio dos grupos de experiência estética, foram as principais ferramentas utilizadas para a produção de relações saudáveis. Investindo no plano dos afetos, o trabalho se conectou com a discussão sobre o autoconhecimento, envolvendo as emoções e os sentimentos, que estão incluídas na nova Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2018). Compreende-se a necessidade de estimular precocemente seu desenvolvimento junto a crianças, uma vez que as relações afetivas e a saúde emocional possuem relação com sujeitos mais bem-sucedidos na vida adulta. Dessa forma, é preciso pensar sobre intervenções para esse público.

A escola é um campo fértil para semear novas experiências ontológicas, incluindo as emoções e afecções. Deste modo, utilizamos uma metodologia que propõe, entre a perspectiva de processo grupal da esquizoanálise, o recurso à experiência estética como motora do trabalho ficcional coletivo e da atividade criadora, e a metodologia de pesquisa-intervenção cartográfica. Amparados nestes eixos de intervenção, buscamos, com sua aplicação, uma experiência adequada ao desenvolvimento de um plano de experiências afetivas que constitua subjetividades em relação à alteridade, na escola, voltando-se à promoção de saúde mental.

Ainda que exista uma crença que a infância trata-se de um período feliz, para os autores Estanislau e Bressan (2014, p. 13), dados epidemiológicos mostram um grande número de crianças e adolescentes com dificuldades emocionais, ou seja, cerca de 10 a 20% deste público apresentam com algum tipo de transtorno psicológico. Uma pesquisa com

crianças e adolescentes de sete a 14 anos, residentes na região Sudeste do Brasil, identificou que a cada oito alunos, um tinha necessidade de alguma atenção na área de saúde mental.

Conhecendo a realidade das escolas brasileiras e, principalmente, as dificuldades afetivas envolvendo crianças e adolescentes da rede municipal de Ensino Fundamental de um município do interior de Santa Catarina, entendemos a necessidade de intervenções nestes campos com viés para a saúde mental. Compreendemos que os seres humanos possuem uma grande capacidade de mobilizar sentidos e práticas em função das experiências que perpassam suas relações, o que permite a constituição de habilidades para o enfrentamento de seus desafios particulares.

Para Vigotski (1998 *apud* MELLO; TEIXEIRA, 2012, p. 2-3), o comportamento e o pensamento humano se desenvolvem por meio de múltiplas interações sociais e culturais. Dessa maneira, é possível pensarmos em incluir novos estilos de vida e desenvolver habilidades para o enfrentamento das adversidades. Quanto mais precoce a interferência, maiores serão as possibilidades de proteção, impedindo possíveis prejuízos para essa criança, tornando-o um adulto com habilidades sociais mais desenvolvidas, assim como na resolução de problemas envolvendo o emocional e suas relações. Portanto, propõe-se potencializar emoções mobilizadoras da potência de ação em bons encontros, e a construir novas afecções com as crianças em contexto grupal.

Caminhos metodológicos

Este artigo trata-se de um relato de experiência do trabalho da autora* no seu papel em uma política pública em um município do interior de Santa Catarina, com a finalidade de promover saúde mental na escola. A estratégia utilizada tem sido aplicada por meio de um projeto de intervenção, que se objetiva a desenvolver afecções na escola. A escolha pela escola X dentro da rede e pela turma de alunos se deu porque se trata da instituição e o grupo pela qual o projeto estava atuando no momento em que se inicia o processo de relato deste estudo.

Sua metodologia ampara-se pelo dispositivo grupal de experiência estética. Utiliza-se neste trabalho o conceito de dispositivo grupal de experiência estética, de acordo com

Cavagnoli *et al.* (2018, p. 2-3), em que o dispositivo grupal de experiência estética é uma metodologia de intervenção, com intersecção com a cartografia, a esquizoanálise e a experiência estética.

Apresentaremos a cartografia mediante as ideias de Félix Guatarri e Gilles Deleuze (2011 *apud* SOUZA; FRANCISCO, 2016, p. 811), que discorrem de uma metodologia nova ainda no Brasil, embasando os conceitos de produção de subjetividade nas pesquisas com vieses para os grupos. Sua utilização tem sido focada nas ciências sociais, humanas e de saúde coletiva. Assim, este método apresenta-se inovador nas pesquisas-intervenções, as quais se preocupam com os fenômenos subjetivos produzidos nas interações sociais.

A ciência de “Cartografar é, antes de tudo, uma arte. As origens do conceito de cartografia estiveram ligada às inquietações que sempre estiveram presentes nos seres humanos em conhecer o mundo que ele habita [...]” (SOUZA; FRANCISCO, 2016, p. 812). Para Barros (1995, p. 103), “[...] numa cartografia o que se faz é acompanhar as linhas que se traçam, marcar os pontos de ruptura e de enrijecimento, analisar os cruzamentos dessas linhas [...]”. Assim, vão sendo construídas as subjetividades, e apresentando-se em formas de mapeamento ou representações.

Autores como Souza e Francisco (2016, p. 812) e Cavagnoli (2018, p. 3-4) conceituam a cartografia de modo a se relacionar conjuntivamente com a esquizoanálise, que, por sua vez, propõe um inconsciente produto do social. A esquizoanálise compreende o inconsciente produto de uma relação coletiva, que acontece nos grupos. Para Barros (1995, p. 98), “[...] o grupo é um intermediário entre o indivíduo e a sociedade; o grupo é um todo; é uma estrutura, é uma unidade, é um objeto de investigação [...]”.

Neste pressuposto de construção de subjetividades, compreendemos que as relações, conforme Barros (1995, p. 99), produzem quatro linhas: “[...] a de visibilidade, a de enunciação, a de força e a de subjetividade [...]”. Com base nesta informação, discorreremos sobre a possibilidade da construção de subjetividades por meio de bons encontros. Para Cavagnoli *et al.* (2018, p. 6), os bons encontros “[...] são feitos da afecção entre distintos corpos e apenas emergentes quando tais afecções ocorrem de forma ética, horizontalizada e afastada da tirania ou da hierarquia [...]”.

Compreende-se que a instituição escolar, por situações que envolvem o aprender pedagógico, contribui na diferenciação entre os sujeitos do grupo. O processo proposto pelo dispositivo de experiência estética é capaz de promover a mudança, construindo novas subjetividades. Isso permite a horizontalização das relações, fazendo com que aquele indivíduo percebido como impossibilitado, neste processo, apresente sua real capacidade, modificando as relações. É possível citar aqui o caso de uma criança de 4º ano que ainda não atingiu a aprendizagem da leitura, sobrevém com este estigma, mas que na produção do grupo de experiência estética tem a oportunidade de desenvolver sua arte com equidade aos outros, modificando sua realidade social.

A experiência estética, proposta como motora da atividade criadora no grupo, conectada ao debate, buscou mobilizar a presença das múltiplas possibilidades que o corpo tem para significar, dar e ver, e a sentir na relação com a alteridade, às emoções e sentimentos resultantes das afecções vivenciadas na infância. A mobilização do corpo ao contato e afecção na relação com a alteridade varia de acordo com sua “potência para efetuar conexões” (LINS; GADELHA, 2002, p. 7). A experiência estética, enquanto motora de expressões da realidade sensível, singulares, investe nos afetos e na experiência perceptiva, considerando a “[...] primazia de *pathos* sobre *logos*, uma vez que os signos que caracterizam essa relação, esse encontro, são os da turbulência do contato com o estranho (intensidade e paixão), e não os da afinidade ou boa vontade (representação).” (LINS; GADELHA, 2002, p. 8).

É a experiência estética, elemento do dispositivo que mobiliza, paradoxalmente, disjunção e conjunção: disjunção do nexu que funde o corpo à submissão, e conjunção deste mesmo corpo (agora dissociado da experiência limitada por lugar compulsório no ordenamento) à capacidade de livremente olhar, pensar e compor ao se apropriar do mundo de formas outras [...]. (CAVAGNOLI, 2018 *apud* CAVAGNOLI *et al.*, 2018, p. 10).

As intervenções aconteceram dentro de três encontros, nas datas 10, 17 e 24 de outubro de 2018. A escola e a sala de aula foram determinadas como o campo da intervenção. Assim, 19 alunos na turma do 4º ano, em uma escola da rede municipal da região oeste de Santa Catarina, são os sujeitos desta experiência estética grupal. Tal processo ocorreu da seguinte forma: em um primeiro momento, a observação participante, orientada pelo viés cartográfico e voltada à análise de demandas e expressões dos modos de subjetivação no

contexto escolar; na sequência, os dois encontros com intervenção mediante o dispositivo grupal de experiência estética, sendo o segundo com o foco sobre os afetos que envolvem sentimentos e emoções relacionadas à escola; e o terceiro e último encontro focalizado nas aprendizagens de formas de relação com a diversidade e a mobilização de bons encontros atravessados pela atividade criadora.

Dessa maneira, estes três encontros, conforme a metodologia proposta, dispositivo grupal de experiência estética, também apresenta o surgimento de três movimentos: que se iniciam com a análise cartográfica, a partir da observação participante com os sujeitos atuantes no ambiente escolar, passando pela intervenção grupal baseada nas propostas da esquizoanálise, por meio de criação e ressignificação dos elementos presentes, ligada a um terceiro eixo, que se emaranha ao grupo mobilizando a experiência estética. Essa foi possível pela experimentação e manipulação materializada e resultando na inserção de elementos artísticos voltados a impulsionar formas outras de expressão da realidade compartilhada.

Cartografando os afetos: uma excursão para dimensão subjetiva das emoções e dos sentimentos

Este artigo tem por objetivo apresentar um relato de experiência de atuação da psicologia com um grupo de crianças. Faz-se uso do conceito de crianças de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990, p. 19), artigo 2º, em que se considera criança a pessoa com 12 anos incompletos. O cenário utilizado é o contexto escolar. Cientes que, quando o psicólogo vai à escola, dentre outras intervenções, como as inúmeras dificuldades de aprendizagem escolar, é necessário atuar nas relações institucionais, bem como, intervir sobre a saúde mental para com todos os atores sociais: crianças, pais e professores. Utilizaremos o conceito de saúde mental conforme Decs (2017), “bem-estar emocional, psicológico e social de um indivíduo ou grupo”.

Em um primeiro momento é possível pensar: mas o que justificaria a necessidade de intervenções em saúde mental por meio das relações afetivas na escola? Cabe ressaltar que a saúde mental possui uma relação muito tênue, na perspectiva das diretrizes nacionais da educação com as relações saudáveis na escola. Isso, de um modo geral, sempre envolve os

afetos, as emoções, os sentimentos, a qualidade de vida, ou seja, a saúde mental. Tal relação é identificada na nova BNCC (2018).

A BNCC (2018), documento de caráter normativo, conceitua como “[...] conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica [...]”. Como tal, apresenta dez competências gerais; dessas estabelecidas, pode-se expressar que três possuem relação com a dimensão afetiva:

[...] 8 – Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo-se suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade de lidar com eles. 9 – Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceito de qualquer natureza. 10 – Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BNCC, 2018, p. 12).

A partir das diretrizes, percebe-se a necessidade de sair do indivíduo e atuar com grupos. Cia e Barham (2009, p. 52) afirmam, em sua pesquisa com escolares, que as habilidades sociais possuem relação com o desempenho acadêmico de escolares. Portanto, “[...] crianças com melhor desenvolvimento socioemocional são mais confiantes, mais persistentes em suas atividades acadêmicas, tem menos medo de errar (e, por isso, não temem competições), relacionam-se melhor com outras pessoas (colegas, pais e professores) [...]” (SIMÕES, 1997 *apud* CIA; BARHAM, 2009, p. 52). Dessa maneira, salientamos a importância da estimulação de afecções por meio das relações grupais na busca de resolução de conflitos com os atores envolvidos no processo da educação escolar. Produção de subjetividade não dissocia corpo e pensamento.

Contudo, as informações acima citadas embasaram estudos na busca de novas práticas da psicologia com vieses para grupos na escola. Contando com a colaboração na fase inicial de uma psicóloga mestranda em Educação, que atuou de forma voluntária no projeto, tal prática começou a ganhar corpo e forma com a inclusão dos grupos e de suportes artísticos. A partir de então, chegou-se à metodologia de grupos com experiência estética, observando as

potencialidades desta perspectiva de intervenção, apresentada por autores como Cavagnoli (2018) e Cavagnoli *et al.* (2018).

Em um primeiro momento, a instituição escolar apresenta-se como um corpo a ser investigado e tensionado, na busca por descobertas e ressignificados. Considerando a diversidade de corpos apresentados por Lins e Gadelha (2002, p. 1), compreendemos este aqui citado como um “[...] agenciamento de multiplicidades heterogêneas e intensivas que devem eternamente como variação diferencial complexa.” Isso porque se trata da constituição de uma individualização, enquanto corpo, permeada de diversidades culturais de pensamentos, atitudes e experiências, que se movimenta, em meio a afecções.

Relatamos que o pesquisador, ao usar o método da cartografia, de acordo com Moterle e Cavagnoli (2018, p. 5), “[...] permite deixar-se envolver pelas teias de forças e relações que constituem o campo [...]”. Desta maneira, uma vez presente, o pesquisador participa da ação, recebendo informações e modificando o processo, sendo praticamente impossível permanecer neutro. Porque o novo causa modificações, desperta interesse, curiosidade, pensamentos e subjetividades onde acontece. Trata-se de corpo vivo, que interatua com as forças do corpo institucional. Ocorreram nesse momento diálogos com direção, professores, alunos e equipe técnica. Segundo Garcia e Boruchovitch (2014, p. 277), para compreender o processo educacional, é necessário compreender a dinâmica do seu funcionamento, abrangendo todos os agentes institucionais, fazendo-se ouvir as crianças, os pais, os professores e a equipe da direção.

Conforme o processo de pesquisa-intervenção se expandia e aprofundava suas relações no contexto escolar, foi possível identificar uma aproximação dos agentes institucionais no território comum proposto pelos pesquisadores. O manifestar-se objeto de acolhida, a curiosidade e a receptividade estiveram presentes naquele ambiente, composto de estruturas físicas com desgaste do tempo, mas com cuidados de quem se preocupa com o bem-estar do ambiente, situado em uma região onde o público participante apresenta-se multicultural e uma boa parte das famílias em situação de vulnerabilidade social, já em acompanhamento pelo Centro de Referência em Assistência Social (CRAS).

Ao chegar esse momento de descobertas, também oportuniza-se a pensar, de forma crítica e democrática, na investigação por meio das relações éticas e horizontalizadas.

Perpassa-se que não somente deve-se sentir o clima institucional, mas também ofertar a palavra para que os corpos falem. Na busca por conhecer ainda esse corpo institucional que se expõe para novas experiências, elabora-se a estratégia de intervenção pensando em conhecer como as crianças sentem e pensam a escola. Nesse movimento, percebemos a existência de pequenos conflitos nas relações, envolvendo dificuldade de aceitação das diferenças entre os pares e intolerância a algumas condutas.

Com a observação ficou evidente a necessidade de intervir por meio de grupos juntos aos alunos, quando na identificação de conflitos nas relações, dificuldades emocionais, que de alguma forma podem interferir e criar déficit pedagógico, apresentado como uma das queixas na instituição. Para Weiner (1985 *apud* GARCIA; BORUCHOVITCH, 2014, p. 278), as experiências de sucesso ou insucesso no desempenho acadêmico possuem variáveis relacionadas a fatores externos e internos ao sujeito. Destaca-se, dentre outros, que a capacidade, o esforço, o humor e a saúde são causas entendidas por este autor como internas; e como causas externas, compreende a influência do professor, a tarefa, a família e outros agentes do grupo social. Estes agentes possuem, nesta leitura, influência no rendimento do aluno, bem como, nas suas emoções, capazes de alterar os resultados esperados. As subjetividades construídas pelo coletivo também exercem seu papel na construção desses sujeitos, criando, por ora, as potencialidades e/ou os déficits.

Assim, após o período de observação participante, preparamos um novo encontro, uma incursão ao processo grupal, entendido como um dispositivo que, para Barros (1995, p. 104), “[...] tensiona, movimenta, desloca para outro lugar, provoca outros agenciamentos. Ele é feito de conexões e ao mesmo tempo produz outras [...]” e mobilizado por meio da exposição de conteúdo, engendrado em diálogo com as problemáticas compreendidas na observação, de informações sobre as emoções e sentimentos. Junto ao processo grupal, inserimos o dispositivo por meio do vídeo “O livro dos sentimentos”, do autor Todd Parr (2006), que promove uma compreensão sobre o processo emocional nos comportamentos humanos, de forma lúdica, próprio para crianças. Nesse momento, a atividade volta-se à ampliação da capacidade coletiva de gestar sentidos a um conteúdo comum, por meio de encontros inéditos mediados pelo próprio grupo.

O grupo possibilita a construção de novas relações, que promovem desafios e novos experimentos por meio da atividade criadora utilizando-se de ferramentas artísticas, como o desenhar, o colorir, o dar forma ao corpo e a construção das expressões faciais, em que faz surgir a experiência estética grupal. A escolha pelos corpos e pelas expressões faciais aconteceu porque, conforme Pombo (2002, p. 38) “[...] a obra imita a natureza, em primeiro lugar, porque a desdobra em seus duplos, a replica, e em seguida, porque reconstrói no seu interior a própria essência da natureza, ou seja, a condição de uma vida organizada [...]”. Cabe destacar que quando Pombo afirma que a obra de arte “imita a natureza”, não se refere à autora a uma cópia, no sentido platônico, mas a uma incursão ao processo de constituição do real de uma natureza produtora, que constitui organicidade. A obra de arte, portanto, é trabalho ficcional naturante, que produz a natureza em expressões novas, oferecendo meios de subjetivação inéditos. Da mesma maneira, de acordo com Nietzsche (1882-1884 *apud* LINS, 2002, p. 75), “o corpo é espécie de escrita da carne”, pelo qual “exprime a linguagem dos afectos”, tornando possível realizar nos encontros o traçado de novas emoções e afectos, seja na vida, seja pelas obras das artes.

É necessário reencontrar sob as cores lisonjeiras dessa camuflagem o texto primitivo, o texto aterrorizante do homem natural. Mergulhar o homem na natureza: fazer justiça às inúmeras interpretações vaidosas, aberrantes e sentimentais que se rabiscou sobre este eterno texto primitivo do homem natural. (NIETZSCHE, 1882-1884 *apud* LINS, 2002, p. 75).

A arte ou estética, embora se apresente de forma materializada, para Pombo (2002, p. 39-40), possui um movimento abstrato, por meio de “linhas”, as quais contêm forças internas, sendo compostas de afectos e percepções. E ainda que não seja de exclusividade dos humanos, a arte teria em sua essência o existir por meio das experiências, sendo compreendida como um “agenciamento da natureza, que se manifesta na forma de um acontecimento” (POMBO, 2002, p. 47).

O grupo de experiência estética é capaz de promover a objetividade das subjetividades, sentidas pelos corpos e materializada, recriando um contexto de subjetivação. Permite ao grupo ressignificar seus sentimentos e emoções, no momento em que suporta para recriá-los, compreender seus pares e sua função neste processo. Explicando a essência da

tarefa realizada: o trabalho relacionado ao corpo mobiliza o grupo a apresentar as expressões faciais e posturas associadas à experiência dos afetos na escola.

Tal tarefa nos permitiu sentir como as crianças se sentem na escola, abrindo possibilidades de ampliar a composição de afetos e pensamentos ligados ao plano institucional. Dentre os resultados apresentados, o sentimento que mais prevaleceu foi a sensação de “alegria”, ou seja, expressaram que se sentem felizes na escola. Entretanto, três casos expressaram que se sentem “animados”, pois gostam de brincadeiras e um caso que se sente “triste”, porque está com problemas em casa que o deixa assim. Para Bertini (2015, p. 13), “[...] a alegria leva a ação do indivíduo para a vida e para a expansão. Este afeto leva os indivíduos a agirem e não esperarem passivamente que outros ou as instituições ajam por eles para que se sintam ou vivam mais livres [...]”. Enquanto isso, o sentimento da tristeza promove o processo inverso, aprisiona o sujeito.

Dando sequência ao grupo, oferta-se um espaço coletivo para falar sobre a experiência. Houve a manifestação de sentimentos de bem-estar e prazer em relação de como se sentiram em realizar a atividade. Consideramos valorizar e manter junto ao grupo esse material produzido pelo coletivo e expor no mural da turma, que recebeu o título “Discutindo sobre emoções e sentimentos: como estou me sentindo na escola?” Uma semana depois, possibilitamos que cada criança levasse sua obra para casa e apresentasse a experiência aos pais.

Figura 1 – Trabalho coletivo do encontro de 17 de outubro de 2018



Fonte: elaboração dos autores (2018).

Na terceira semana, e último encontro, articula-se novamente o grupo para uma nova experiência estética. Utiliza-se um dispositivo, o vídeo contendo a história “A descoberta de Leila”, da autora Márcia Honora (2009), que aborda de forma infantil e adequada uma maneira de lidar com os preconceitos e resolver relações conflituosas. Oferece-se um espaço coletivo para expor seus apontamentos. Assim, surgem apontamentos identificando as múltiplas diversidades humanas. Neste momento, solicita-se que os recursos artísticos deem origem a um animal com várias características comuns, o corpo avantajado, pés grandes, olhos pequenos, rabo comprido, pelos no corpo. Cada criança deveria objetivar seu personagem.

Contudo, o grupo compartilhou de expressões, uma vez advinda à compreensão de que poderia ser um animal único e haveria de realizar uma descoberta. Isso causou muitas curiosidades e questionamentos sobre a necessidade de ser um único animal. Incentiva-se para que cada qual o represente conforme suas percepções. O processo posterior abre o espaço para identificar as diversidades de criatividade apresentadas no coletivo. As próprias crianças perceberam que não necessitava que fosse um único objeto comum, mas que a vida apresenta-se diversificada, em sua forma de agir e pensar, produzir, elaborar..., em todas as suas esferas.

“Cada um tem suas características, suas criatividade e jeito de pensar!”, expresso por uma criança do grupo. Contudo, o coletivo construiu um cartaz como o título “Aprendendo sobre as diversidades!” Esse ficou expresso na sala de aula, para demonstração.

Figura 2 – Imagem do trabalho coletivo do encontro de 24 de outubro de 2018



Fonte: elaboração dos autores (2018).

A partir disto, o que poderia ter um desfecho simples neste momento, no entanto, surge um parêntese na produção coletiva. Uma parcela do grupo, na experiência estética, trouxe elementos que materializam álcool, drogas, armas. Produziram um cenário para o animal, possivelmente trazendo-o para seu contexto. Enquanto estava sendo elaborada a atividade, a autora* manifestou interesse em conhecer mais sobre o cenário, entretanto, um dos autores negou ter sido o autor. E os demais apresentaram resistência em expressar o sentido que originaram suas obras. Cochichos e risos surgiram entre as crianças que materializaram os processos identificados.

Finalizados os três encontros, entre tantas subjetividades e objetividades produzidas por esse corpo que apresenta um emaranhado de informações e necessidades, permite-se um momento para elaborar as experiências. Acredita-se que o dispositivo grupal de experiência estética tenha, de alguma forma, modificado ou transformado os sujeitos participantes. O processo permitiu que todas as crianças participassem, inclusive, aquelas com dificuldades pedagógicas, que, por conta disso, em muitas situações acabavam não realizando as atividades por completo, conforme relatos da escola. Já para os autores, além da experiência, surgem novos desafios, compreendendo a necessidade de que elementos importantes resultaram e necessitam de cuidados posteriores.

Em meio a tantas informações objetivas e subjetivas, faz sentido o profissional buscar outros agentes para compreender de forma adequada a situação, para que novas estratégias sejam pensadas. Em conversa com a Gestora da escola, essa se engajou na problemática, colaborando para que os assuntos que envolvem cuidados básicos com a vida, abordados por voluntários na escola, incluam a proteção frente ao uso de álcool e drogas.

Tem-se conhecimento que existe um programa que aborda a proteção contra álcool e drogas em todas as escolas nas turmas de quinto ano no Estado. Porém, a partir do dispositivo grupal de experiência estética, percebe-se a necessidade de promover saúde mental na escola e que há possibilidade de utilizar o ambiente escolar para proteção das crianças, com turmas anteriores. O dispositivo grupal de experiência estética pode ser uma ferramenta de investigação para as demandas da escola, de modo a ser útil dentro da própria rede assistencial, bem como, pelas demais políticas públicas, abrangendo a rede intersetorial. Isso porque, em contato com profissionais da Política de Assistência Social, ocorreu uma conversa provocando a aproximação entre os programas para planejamento de estratégias na Promoção de crianças, instigando, assim, na rede novos projetos e intervenções na promoção da proteção na escola.

Considerações finais

Este relato de experiência resulta na compreensão do cotidiano escolar, de seus distintos atores e das problemáticas vivenciadas nas relações, confirmando, assim, a

necessidade do trabalho do psicólogo atuar na promoção em saúde mental na escola. Afirma a eficácia do dispositivo grupal de experiência estética para levantar demandas de atenção para a rede de serviços nas políticas públicas.

O grupo de experiência estética promoveu bons encontros para as crianças participantes, facilitando os processos de novas afecções, manifestadas pelas palavras e pelas expressões corporais. Através destas vivências afetivas de forma horizontalizada é possível provocar transformações nas relações no ambiente escolar.

A possibilidade desta intervenção, por meio do dispositivo de experiência estética, contribuiu para a elaboração de um protocolo de levantamento das demandas da escola, que pode ser utilizado na rede assistencial e rede intersetorial. Além disso, aproxima e estimula o contato entre os profissionais com a rede e seus demais distintos atores institucionais. Entretanto, sugere-se que novas intervenções sejam aplicadas, uma vez que as instituições estão sempre em movimento e podem diferir em suas objetividades e subjetividades, sendo assim, novos desafios e demandas podem surgir a qualquer momento.

Referências

BARROS, Regina Duarte Benevides de. **Dispositivos em ação: o grupo**. Rio de Janeiro, 1995.

BERTINI, Fátima Maria Araújo. Afetos em Espinosa e a cidade com *Civitas*. **Revista Conatus** – Filosofia de Spinoza, Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 11-18, dez. 2015. Disponível em: <<http://seer.uece.br/?journal=Conatus&page=article&op=view&path%5B%5D=2089&path%5B%5D=1789>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

BNCC – Base Nacional Curricular Comum. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 8 dez. 2018.

CAVAGNOLI, Murilo. **O sonoro da partilha do sensível e a potência política da música**. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

_____ et al. As contribuições do dispositivo grupal de experiência estética para a economia solidária. In: UNIVERSIDAD COOPERATIVA DE COLOMBIA. **Economía Social y Solidaria en la Educación Superior: un espacio para la innovación**. Bogotá: Editorial de la Universidad Cooperativa de Colombia, 2018.

CIA, Fabiana; BARHAM, Elizabeth Joan. Repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento, autoconceito e desempenho acadêmico de crianças no início da escolarização. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 45-55, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n1/a05v26n1.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

DECS – Descritores em Ciências da Saúde. **Descritores em Ciências da Saúde**. São Paulo: Bireme/OPAS/OMS, 2017. Disponível em: <<http://decs.bvs.br/>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 1 dez. 2018.

ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigo Affonseca. **Saúde mental na escola: o que educadores devem saber**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

GARCIA, Natália Rodovalho; BORUCHOVITCH, Evely. Atribuições de causalidade para o desempenho escolar e resiliência em estudantes. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 19, n. 2, p. 277-286, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v19n2/a10v19n2.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

HONORA, Márcia. **A descoberta de Leila**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

LINS, Daniel. A metafísica da carne: o que pode o corpo. In: _____; GADELHA, Sylvio. **Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

_____; GADELHA, Sylvio. **Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

MELLO, Elisângela de Fátima Fernandes de; TEIXEIRA, Adriano Canabarro. A interação social descrita por Vigotski e a sua possível ligação com a aprendizagem colaborativa através das tecnologias de rede. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012, Passo Fundo. **Anais...** Passo Fundo: ANPED-SUL, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/6/871>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

MORTELE, Raica; CAVAGNOLI, Murilo. **Pessoas em situação de rua: cartografando agenciamentos e afecções na constituição de um território existencial**. Texto no Prelo. [s.l.: s.n.], 2018.

SOUZA, Severino Ramos Lima de; FRANCISCO, Ana Lúcia. O método da cartografia em pesquisa qualitativa: estabelecendo princípios... desenhando caminhos... **Revista Atas Ciai**, Lisboa, v. 2, p. 120-129, 2016. Disponível em:

<<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1201/1162>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

PARR, Todd. **O livro dos sentimentos**. São Paulo: Panda Books, 2006.

POMBO, Catarina. O corpo da estética: arte e natureza em Gilles Deleuze. In: LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio. **Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

SANTA CATARINA. **Projeto Pedagógico do Curso Direcionado de Especialização Uniedu/Fumdes em Educação, Proteção de Direitos e Trabalho em Rede**. Chapecó: UNOCHAPECÓ, 2017.